



**Energia** Gerador combina contratos que atendam aos dois segmentos

# Leilão une os mercados regulado e livre

**Rodrigo Polito e Camila Maia**  
Do Rio e de São Paulo

O leilão de energia nova realizado na sexta-feira e que negociou contratos para início de fornecimento em 2024 consolidou tendência do setor elétrico de combinar contratos no mercado regulado com a venda de energia no mercado livre. De acordo com relatório do [Instituto Acende Brasil](#), dos 1.228,6 megawatts (MW) médios de energia de projetos viabilizados no leilão, 835 MW médios (quase 70%) foram contratados. O restante será negociado no ambiente livre.

A estratégia, que já havia sido adotada por projetos eólicos no leilão anterior, foi repetida no último certame. Dos 658,6 MW médios de energia eólica viabilizados

no leilão, 420 MW médios (64%) foram de fato vendidos para as distribuidoras. “Os investidores estão procurando outros caminhos, outras formas de viabilizar os projetos. O caminho que tem aparecido é o mercado livre, estratégias de contratação no [mercado] regulado casadas com o livre”, afirmou a presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica), Élbis Gannoum, ao **Valor**.

A mesma tática foi escolhida pela Eneva (antiga MPX) com relação ao projeto termelétrico de Parnaíba V. Com 386 MW de capacidade, a usina negociou no leilão 326,4 MW médios, de uma garantia física total de 343 MW médios.

Segundo Lino Cançado, diretor da geradora, a expectativa é iniciar a operação da térmica no primeiro semestre de 2022, dois



**Élbia, da Abeeólica: "Investidores estão procurando outras formas de viabilizar os projetos. Estratégias de contratação no [mercado] regulado casadas com o livre"**

anos antes do compromisso firmado no leilão. O objetivo da empresa é vender no mercado livre a energia produzida a partir da antecipação do cronograma.

Com investimentos previstos de R\$ 1,2 bilhão, o empreendimento terá receita fixa de R\$ 272,4 milhões por ano.

Em teleconferência com analistas e investidores, Caçado ressaltou que o projeto consiste no fechamento do ciclo da térmica Parnaíba I. Na prática, a nova usina vai produzir energia a partir do vapor obtido da geração de

Parnaíba I, movida a gás natural.

A expectativa da companhia é iniciar as obras da usina no segundo semestre de 2019. O contrato de EPC (sigla em inglês para engenharia, aquisição e construção) foi firmado com a Techint. E a turbina será fornecida pela GE.

Na avaliação do Itaú BBA, a Eneva foi a grande vencedora do leilão. Segundo os analistas Pedro Manfredini, Gustavo Miele e Guilherme Soler pelos termos do leilão, a taxa real de retorno do investimento deve ficar entre 16% e 18%, com potencial de adicionar R\$ 360 mi-

lhões em valor presente líquido, equivalente a R\$ 1,15 por ação.

O Ebitda (sigla em inglês para resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização) da Eneva, por sua vez, deve ter um acréscimo de R\$ 130 milhões/ano.

Já o segmento das pequenas centrais hidrelétricas (PCH) avaliou que o resultado do certame ficou abaixo do esperado. No entendimento da Associação Brasileira de Geração de Energia Limpa (Abragel), que representa os investidores em pequenas usinas, o governo deveria considerar a realiza-

ção de leilões separados por fonte e por localização dos projetos.

Segundo Ricardo Pigatto, presidente da Abragel, apenas 11% da energia negociada no certame foram de PCHs. "O critério dessa decisão de contratar pouca PCH ainda intriga o setor", afirmou. "Fica evidente a necessidade de leilões por fonte e geração perto da carga. O planejamento do setor não pode mais fazer leilões apenas por reais por megawatt-hora, sem levar em consideração a fonte e onde ela está sendo gerada", completou.